

# Boas práticas sobre a comunicação da política institucional de dados abertos para ULisboa

Centro de Gestão de Dados de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Lisboa  
(iRe:Search)

Outubro 2025  
V1.0



## Índice

Introdução .....	3
Contexto e Desafios.....	3
Boas Práticas em Universidades de Referência .....	4
Embaixadores de Ciência Aberta .....	4
Portais e Guias Online .....	4
Data Champions .....	5
Demonstração de Resultados .....	5
Comunicação Empática e Clara .....	6
Envolvimento Participativo da Comunidade.....	6
<i>Storytelling</i> e Comunicação Visual.....	6
Capacitação Obrigatória .....	7
Apresentação de Casos de Estudo.....	8
Gerir barreiras através da comunicação.....	9
Conclusões e Recomendações .....	10

## Introdução

A boa comunicação da gestão de dados de investigação (RDM) e respetivas políticas institucionais é essencial para uma adoção plena. A sua correta implementação é crucial para a competitividade institucional, especialmente no contexto do financiamento do programa Horizonte Europa (HE) e do movimento global de Ciência Aberta.

Este documento identifica as boas práticas sobre a comunicação da política institucional de dados abertos que a Universidade de Lisboa (ULisboa) pode considerar para a sua comunicação institucional.

## Contexto e Desafios

A promoção da Ciência Aberta e dos dados abertos exige não só políticas institucionais, mas uma comunicação estratégica que destaque o seu valor científico e social. Instituições como o ERC enfatizam a importância de explicar como a investigação beneficia a economia e a sociedade ([ERC Communication strategy 2025](#)). É preciso ir além de comunicados formais: utilizar narrativas e evidências concretas para envolver investigadores, futuros investigadores, e decisores – os utilizadores da política, e dos recursos de suporte à sua implementação.

O grande desafio reside na resistência cultural e institucional: muitos investigadores ignoram ou desconhecem as políticas de acesso aberto e gestão de dados, sendo essencial mostrar exemplos práticos do seu impacto positivo no avanço do conhecimento e na reputação académica.

É necessário um equilíbrio entre a complexidade excessiva (que pode levar à falta de compreensão ou descarte da informação) e a simplificação exagerada (sem a profundidade necessária para decisões informadas). O [desafio central](#) é comum à comunicação científica: é entre uma boa abrangência da informação (cobertura aprofundada) e a compreensibilidade (facilidade de compreensão da informação). Ademais, qualquer política pode, por omissão, beneficiar certos grupos (demográficos ou regionais ou outros) em detrimento de outros grupos. O desafio reside em resumir, representar, e direcionar o impacto e comunicações para diferentes grupos de forma que todo o público ter acesso aos resultados de forma justa.

## Boas Práticas em Universidades de Referência

### Embaixadores de Ciência Aberta

Várias universidades criaram funções ou grupos dedicados ao tema. Por exemplo, a Freie Universität Berlin [nomeou](#) representantes de Ciência Aberta (*open access representative*) para realizarem a promoção princípios de ciência aberta e servir de interface com a sociedade.

De forma semelhante, universidades como o University College London [designaram](#) *Open Science Ambassadors* internos - responsáveis por promover as práticas de Acesso Aberto e dados abertos em todos os níveis académicos - e o LERU (League of European Research Universities) faz a mesma [recomendação](#) às suas universidades.

Estas iniciativas são úteis para mostrar aos investigadores atuais e futuros que há apoio institucional claro, o que permite ultrapassar barreiras culturais, e não só, à adoção.

### Portais e Guias Online

O [Politecnico de Torino](#) mantém um portal atualizado com informações, ferramentas e guias para as práticas de Open Science, incluindo orientações sobre acesso aberto e RDM. Esta transparência e facilidade de acesso a recursos (repositórios, guias, FAQs, contactos) incentiva a adoção de boas práticas.

A [Cambridge University](#) também destaca os seus recursos online: o repositório institucional Apollo e cursos de formação são promovidos pelo seu Office of Scholarly Communication para apoiar investigadores a partilhar dados e publicações.

Exemplos de comunicação são p.ex. como os dados abertos podem ajudar a aumentar a confiança do público nos cientistas, e o seu uso em diferentes tipos de comunicações científicas.

## Data Champions

*Data Champions* são [investigadores](#) que se voluntariam para ajudar colegas com a gestão de dados. São promotores da literacia em matéria de dados, das melhores práticas e de uma cultura orientada por dados dentro de uma organização ou comunidade de investigação.

*Data Champions* apoiam os seus colegas ao partilhar conhecimentos, oferecer conselhos e incentivam outros a utilizar os dados de forma eficaz e responsável.

Podem ter diversas funções p.ex. gerir inquéritos a colaboradores que fazem perguntas críticas sobre dados em reuniões, organizar sessões de formação, ou sessões de trabalho, ajudar a identificar e gerir riscos.

Podem ser p.ex. gestores de ciência ou investigação, investigadores seniores, ou até mesmo estudantes de doutoramento que ajudam os seus colegas a gerir dados de investigação, e a mitigar as lacunas entre as equipas de apoio centralizadas e os investigadores ou funcionários individuais que precisem de orientações relativamente a ciência aberta.

## Demonstração de Resultados

Comunicar casos de sucesso é fundamental. Por exemplo, Cambridge promove o seu programa de Data Champions – investigadores que se oferecem para ajudar colegas com gestão de dados – apresentando casos reais das melhorias nas colaborações e na visibilidade dos dados.

É de salientar a repercussão de políticas e sistemas existentes (p.ex. número de repositórios criados, citações obtidas via acesso aberto) e que acaba por dar uma dimensão ao valor prático das iniciativas.

Como o ERC salienta, explicar em linguagem clara como a ciência aberta melhora a qualidade e confiança da investigação melhora a economia e a sociedade, e ajuda a informar e convencer públicos variados.

## Comunicação Empática e Clara

As comunicações de políticas devem equilibrar detalhe e simplicidade, mas não evitar explicar os compromissos escolhidos.

Deve-se evitar usar demasiados termos técnicos, ou acrónimos, e aplicar imagens e pontos-chave para evitar sobrecarregar os leitores, sem sacrificar informação essencial.

As mensagens devem ser breves e intuitivas, ilustrando casos claros e respetivos benefícios de seguir as políticas. Estas indicações simples tornam a mensagem mais fiável e compreensível.

## Envolvimento Participativo da Comunidade

Em vez de comunicar de forma *top-down*, as melhores práticas sugerem envolver a comunidade científica (docentes, estudantes, técnicos) no planeamento e na execução das políticas. Inquéritos, grupos de discussão e entrevistas permitem perceber as necessidades e receios concretos (por exemplo, dificuldades na gestão de dados, falta de competências digitais ou desinteresse prévio). Perguntas diretas ajudam a identificar dificuldades nos fluxos de trabalho e a personalizar a política à realidade local p.ex. a disciplinas específicas, carreiras, e temas de investigação.

Um estudo da Queen's University Belfast ([outreach in Open Science](#)) identificou obstáculos comuns: falta de tempo e recursos, escassez de competências em comunicação (p.ex. design gráfico, investigação sobre os utilizadores) e dificuldade em atravessar o ruído informativo. Para mitigar estas questões, recomenda-se alocar tempo e orçamento dedicados às atividades de divulgação e formar líderes de Open Science em métodos de comunicação e gestão de mudança. Isto permite preparar materiais profissionais (artigos, infografias, vídeos curtos, sites interativos, podcasts) que sejam úteis para os utilizadores.

## Storytelling e Comunicação Visual

Contar histórias humaniza a ciência e facilita a compreensão. Narrativas reais (ex. "...como a investigadora partilhou os seus dados e triplicou colaborações...") captam melhor a atenção do

que longos excertos técnicos. Estudos em ciência da comunicação mostram que [narrativas](#) aumentam a compreensão e o interesse do público em não-especialistas. O design visual é também [crucial](#): infografias e esquemas destacam números, conceitos, ou processos em segundos, enquanto fotografias de laboratórios e esquemas ilustrados tornam o conteúdo mais cativante.

Usar elementos visuais (gráficos claros, ícones, linhas do tempo) ajuda a resumir políticas complexas. Por exemplo, infográficos conseguem evidenciar benefícios (como aumento de citações ou financiamento) de forma rápida. Fotografias de investigadores em ação ou de eventos de ciência aberta chamam a atenção e humanizam a mensagem. Ilustrações simples (p.ex. bandas desenhadas, esquemas desenhados, ou até mesmo *webcomics* como o [XKCD](#)) podem explicar conceitos abstratos (como p.ex. FAIR, datasets, e repositórios) de forma mais acessível.

de newsletters e comunicados, usar media digital e redes sociais (p.ex. Twitter / LinkedIn de laboratórios e universidades) e multimédia (como vídeos curtos de testemunhos, *webinars*) garante maior alcance e acessibilidade. Uma estratégia multicanal – texto, imagem, áudio – respeita diferentes estilos de aprendizagem e promove uma conversa sobre ciência aberta em redes sociais, em vez de monólogos institucionais.

## Capacitação Obrigatória

A Universidade de Leiden demonstra que a mudança cultural pode ser promovida através da capacitação obrigatória, tornando o curso de RDM essencial para todos os candidatos a doutoramento (PhD candidates) destacando o RDM como competência profissional essencial. Esta obrigatoriedade sinaliza claramente que a gestão responsável de dados é uma competência profissional fundamental para a carreira de investigação.

Por sua vez, a Science Europe indica que, na comunicação de novos requisitos, as organizações devem explicar claramente a utilidade e a relevância da nova política. Deve ser promovido o [envolvimento](#) direto com todos os atores envolvidos (científicos, legais, financeiros e de comunicação) para aumentar a aceitação. A colaboração com outras organizações (sobre p.ex. boas práticas) e a explicação dos conceitos subjacentes (como os princípios FAIR) são vitais.

## Apresentação de Casos de Estudo

É importante destacar relatos positivos concretos que possam motivar a adoção. Devem ser encontrados proativamente investigadores que aplicaram Ciência Aberta com êxito.

### **Exemplos de casos de sucesso inspiradores podem incluir narrativas como por exemplo:**

- Hardware aberto: um grupo que desenvolveu um instrumento científico de baixo custo partilhou os esquemas e código no GitHub, permitindo a terceiros melhorar o design, o que resultou em versões mais baratas e melhoradas, aumentando o uso na comunidade científica. Por exemplo, o microscópio de papel [Foldscope](#), desenvolvido em Stanford, levou kits a milhares de voluntários em +130 países e utilizadores contribuíram com observações e melhorias na plataforma colaborativa. Este tipo de trabalho aberto e inovação frugal que levam ao envolvimento de voluntários são narrativas de impacto potencial elevado, p.ex. os criadores do Foldscope incentivaram os utilizadores a desenhar e fotografar o que veem através da lente e a partilhar imagens com uma comunidade online.

A [partilha](#) de componentes e especificações de *hardware* em repositórios abertos (como o Zenodo, e o GitHub) leva a melhorias, adoção futura e inovação responsável. Uma narrativa deste tipo deve detalhar os desafios (e.g., custos elevados ou logística complexa) e como o uso de Ciência Aberta ajudou a superar estas restrições, o que promove a equidade no acesso à tecnologia e reduz a dependência de aquisições de equipamento. Esta abordagem ilustra a Prática de Inovação Aberta (*Open Innovation*), tanto no *inbound* (uso de outputs abertos para inovação) como no *outbound* (transferência de valor social ou económico da investigação para a sociedade).

- Publicação em acesso aberto: um investigador que publicou em acesso aberto e partilhou os dados do estudo verificou um aumento nas citações e colaborações internacionais. O seu testemunho pessoal: *“ao partilhar dados abertos, colegas puderam replicar e ampliar o nosso trabalho, acelerando descobertas”* — serve como prova tangível dos benefícios.

- Ciência de Cidadãos: projetos com envolvimento público (como observação da biodiversidade, recolha de dados colaborativos) destacam o impacto social. Se, para além deste tipo de envolvimento, um professor da ULisboa incorporou dados abertos em atividades escolares, tal caso demonstraria também valor educativo e comunitário.

- Depoimentos Locais: entrevistas breves com investigadores da ULisboa ou de universidades europeias sobre como adotaram práticas de gestão de dados que mostram o lado prático. Relatos

como p.ex. *“o repositório institucional ajudou no cumprimento de obrigações dos financiamentos e a melhorar a minha visibilidade”* ilustram benefícios individuais e institucionais.

Este tipo de narrativas (ideais para citações ou pequenos vídeos) personalizam a política e motivam outros a seguir o exemplo. Mostrar quantificações (p.ex. *“x% dos repositórios receberam >100 downloads”*, *“y artigos depositados em acesso aberto resultaram em z citações adicionais”*) transforma conceitos abstratos de ciência aberta em resultados concretos, desafiando a resistência inicial, e situando as ferramentas de ciência aberta como mais uma forma de disseminação de resultados científicos, e de promoção de colaborações de investigação.

## Gerir barreiras através da comunicação

Algumas das barreiras mais significativas podem ser mitigadas através de comunicação focada no valor, como por exemplo:

- **Falta de incentivos:** comunicar a valorização da carreira p.ex. *“O seu Data Set FAIR é o próximo critério para a sua progressão CoARA: ganhe mais 14.3% de citações.”*
- **Complexidade e falta de tempo:** mitigar com suporte descentralizado e voluntários p.ex. *“Fale com um especialista de dados na sua Faculdade, que ajuda a adaptar o FAIR / Ciência Aberta à sua disciplina.”*
- **Riscos legais:** assegurar a conformidade e mitigar riscos (RGPD/AI Act) p.ex. *“Proteja a sua investigação: use os nossos PGDs para gerir também obrigações do RGPD e do AI Act.”*

## Conclusões e Recomendações

Em suma, a comunicação eficaz de políticas de Ciência Aberta requer mais do que divulgação genérica. Recomenda-se uma abordagem integrada com líderes e embaixadores internos, nomear responsáveis em cada unidade, para promover ativa e continuamente as políticas através de meios de comunicação diversificados e adequados a diferentes audiências (pelo menos: investigadores com diferentes níveis de experiência em Ciência Aberta).

Deve-se promover o envolvimento da comunidade: realizar pesquisas internas e organizar grupos de discussão para mapear barreiras concretas e adaptar a comunicação às diversas realidades disciplinares.

Definir mensagens focadas no valor: destacar de forma clara os ganhos para o investigador (p.ex. maior visibilidade, impacto, economia de recursos) e para a instituição (p.ex. aumento de reputação, cumprimento de acordos internacionais, e obrigações de financiamentos).

Usar *Storytelling* e dados concretos: incorporar narrativas reais (exemplos portugueses ou internacionais) e indicadores de sucesso para tornar a política palpável. A clareza narrativa aumenta a confiança pública e interna na ciência.

Usar recursos visuais e treino: investir em materiais visuais profissionais e capacitar a equipa com competências de design e de comunicação. Gráficos simples, vídeos animados ou ilustrações devem acompanhar os textos institucionais.

Adotar a mecanismos de feedback contínuo: criar ciclos de comunicação com os utilizadores de modo que a implementação da política gere novas informações (p.ex. métricas de repositório) que sejam novamente disseminadas, fechando o ciclo de – política – prática – avaliação – política, e eventuais atualizações futuras da política e das informações e recursos de suporte para a sua aplicação plena.

Ao seguir estas recomendações – baseadas em boas práticas internacionais e ajustadas à comunidade da ULisboa – reforça-se o entendimento e o entusiasmo pela Ciência Aberta. Potencial este esforço persistente (em vez de ações pontuais) e reforçar sempre a conexão entre ciência aberta e benefício comum são as chaves para reduzir resistências e encorajar investigadores a adotar a cultura de dados abertos.